

71ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Progresso para Ciência  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul  
Mesa-Redonda **Desafios, Reflexões e Perspectivas para a Divulgação Científica**

**Museus Universitários no Brasil: em busca de novos parâmetros.**  
**Mauricio Candido da Silva**

### Apresentação

A presente apresentação do tema relacionado à busca de novos parâmetros para os Museus Universitários no Brasil parte de três referências: 1) atuação da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários desde 2017; 2) resultados da pesquisa de pós-doutorado realizada em 2018; 3) vivência profissional ao longo de quase trinta anos. Por sua vez, os parâmetros em construção são definidos pelo contexto social e estratégias organizacionais contemporâneas, principalmente daquelas pautadas pelas Redes de Cooperação. Nesse sentido, busca-se aqui apresentar algumas especificidades dos Museus Universitários, definidas pelo conjunto de suas características particulares, assim como estratégias de ações para o cumprimento de suas atribuições, intrinsecamente relacionadas com as finalidades das Universidades na sociedade contemporânea, definidas pelo princípio da pesquisa, ensino e extensão de serviços a sociedade.

### Diversidade de Museus Universitários

Na exposição “A USP Em Seus Museus e Acervos”, em cartaz na Galeria de Exposições da Reitoria da USP até abril de 2019, foi possível constatar a pujança do patrimônio museológico preservado pela Universidade de São Paulo: milhares de objetos reunidos, salvaguardados e comunicados por centenas de profissionais para serem sistematicamente apropriados por milhares de pesquisadores, estudantes e visitantes em dezenas de núcleos museológicos espalhados pelos diferentes *Campi* da USP. Trata-se de uma pluralidade de espécies de coleções, sendo a maior parte desse significativo

patrimônio nacional composta por referências das ciências biológicas e da saúde, seguida por símbolos de diferentes memórias institucionais, dentre outras heranças patrimoniais de todas as áreas do conhecimento científico. A escala do patrimônio universitário museológico da USP não é exclusiva, pois também pode ser encontrada nas diversas Instituições Brasileiras de Ensino Superior. Isso sem falar nas demais instituições de ensino, como as escolas técnicas, que possuem um patrimônio histórico, tecnológico e de ensino relevantes e que precisam ser salvaguardados, pesquisados e divulgados por toda a sociedade. Temos em nossas mãos, uma grande responsabilidade!

O ponto de partida aqui adotado é o entendimento de que todas as unidades acadêmicas (faculdades, institutos e escolas que compõem a estrutura basal da universidade) possuem alguma coleção de ensino e pesquisa. Isso vale mesmo que essa não tenha sido reconhecida como tal e ainda não esteja a serviço da sociedade, ou seja, exercendo sua função dentro dos princípios da extensão universitária. O ensino e a pesquisa, por meio de coleções, fazem parte dos princípios da universidade no Ocidente, desde suas origens – de acordo com CLERCQ & LOURENÇO, na criação da Universidade de Bolonha, em 1088, já temos indícios das primeiras coleções universitárias. Nessa mesma linha de raciocínio, a historiadora da arte Svetlana Alpers se refere ao tratado de Iohannes Amos Comenius (século XVII, 1592 – 1670), considerado pai da didática moderna, que postulava uma mudança de ênfase total, da instrução em palavras para a instrução em coisas – as coisas às quais as palavras se referem. Comenius postulava a substituição da antiga ênfase na linguagem como retórica pela linguagem como descrição. Do ponto de vista da ciência moderna, cabe citar Vicki A. Funk, ao afirmar que as coleções dos museus são os alicerces do desenvolvimento científico na contemporaneidade. Essa autora demonstra isso a partir da ideia da Deriva Continental, ou seja, os movimentos dos continentes do planeta, existente desde o século XVI, sendo esta noção bem anterior à teoria das Placas Tectônicas (década de 1950), que foi formada a partir dos estudos de fósseis presentes nas coleções dos museus. Tais exemplares comprovam a distribuição da mesma espécie em diferentes continentes (ex: Mesossaurus). Foi graças ao estudo comparativo de

padrões de distribuição a partir de coleções museológicas universitárias que permitiu a formulação dessa teoria.

Assim, inferimos aqui que os Museus Universitários são inerentes à lógica do conhecimento científico. As coleções de ensino e pesquisa estão por todos os cantos das universidades: em laboratórios, salas de aula, corredores, departamentos, bibliotecas, arquivos, porões e, muitas vezes, organizadas em forma de Museus, abertas ao público em geral, cumprindo também sua função de extensão universitária. Propostas de retiradas de museus das universidades, por quaisquer motivos que sejam, são tão absurdas quanto a ideia do fim das universidades públicas em nosso país. Manter Museus Universitários requer altos investimentos em recursos humanos e de infraestrutura, além de fontes de recursos amparadas em fundos com fluxos contínuos de financiamentos para manutenção dos processos museológicos voltados à salvaguarda e comunicação do conjunto patrimonial da universidade. Um plano de preservação do patrimônio museológico universitário deve levar em conta a própria dinâmica de funcionamento da universidade, que gera cotidianamente objetos para o ensino, pesquisa e extensão, pois, esse mesmo processo, coloca também em risco as coleções universitárias, principalmente as que estão localizados dentro das unidades. A aposentadoria de um docente coloca em risco a coleção por ele criada. A chegada de um novo grupo sempre traz a implantação de novos métodos de ensino e pesquisa e assim novas coleções são criadas enquanto outras são descartadas (ex: Museu da Imprensa e o Museu do Folclore que existiam na Escola de Comunicação e Artes da USP até o início da década de 1980). Geração de novas coleções, fusões e desaparecimentos de coleções estão no cotidiano universitário. Algumas coleções departamentais se transformam em museus de unidades e, por vezes, museus de unidades se transformam ou são incorporados por museus maiores. Não se propõe aqui preservar tudo, pois isso não faria sentido, muito menos descartar tudo. O que importa saber é o que temos que preservar e o que podemos descartar, a partir de uma política para o patrimônio universitário.

O Professor Ulpiano Bezerra de Meneses afirma que os museus também devem ensinar ao seu público o que é um Museu. Tomo a liberdade de me

apropriar dessa afirmação para acrescentar que os Museus Universitários também devem ensinar o que é uma universidade. Muitos dos jovens que visitam os Museus da USP sonham em ingressar nessa universidade e os museus são importantes fontes de informações e de diálogos com a escola pública, com professores e alunos. São esses museus que têm a autoridade de perguntar: qual é o perfil de aluno que a universidade almeja ter?

Algumas Universidades Federais no Brasil estão adotando a estratégia de organização em Rede de seus Museus – foram identificadas oito Redes. Além do Brasil, outros países já adotaram essa forma de organização. Trata-se de uma tendência mundial. Por Redes de Cooperação, assimilamos as proposições de Rose Inojosa, das redes como uma alternativa para abordar questões sociais complexas, que não têm tido solução quando tratadas isoladamente, quer por organizações não-governamentais, quer pela ação setorial do Estado. Mais especificamente, como um conjunto de pessoas, órgãos ou organizações que trabalham em conexão, com um objetivo comum. Para os Museus Universitários seria como um sistema constituído pela interligação de museus, com o objetivo de comunicação, compartilhamento e intercâmbio de dados. Nesse contexto, ganha relevância a afirmação de Janet Solinger, de que os Museus Universitários são tão diversos quanto às conchas de uma praia, pois não existem dois iguais, o que nos possibilita pensar em uma grande teia composta por diferentes Redes de Cooperação.

O Brasil conta atualmente com 2.368 instituições de ensino superior, divididas em universidades, centros universitários, faculdades e institutos federais, públicas ou particulares, vinculadas aos governos federal, estadual ou municipal (MEC, 2014). A análise do perfil dos Museus Universitários passa necessariamente pela construção do seu perfil: qual é a quantidade existente no Brasil? Dada a sua dinâmica e a sua inserção intersticial nas universidades, deve se levar em conta a complexidade desse levantamento. Dessa forma, torna-se necessário desenvolver pesquisas em torno dessas questões, que visem buscar identificar, quantificar e estudar o acervo museológico universitário para poder conhecer a natureza desse fenômeno museal. Isso implica em um mapeamento que possa indicar a fundamentação de investimentos humanos, materiais e financeiros para a preservação e

promoção das coleções e museus no ambiente acadêmico. A justificativa para essa pesquisa está assentada no fato de não existirem dados sistematizados sobre os Museus Universitários no Brasil.

### Alguns Resultados

De forma geral, os resultados alcançados até o presente momento estão relacionados com a organização da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, abrangendo um número significativo de instituições, profissionais, pesquisadores e estudantes que atuam nesse campo. Desde 2017 foram cadastradas 271 pessoas no *Google Group*, entre profissionais, docentes, pesquisadores e alunos interessados no tema, representando 115 instituições de todas as regiões do território nacional. Dada a carência de dados e a estratégias adotadas, a Rede também acabou se tornando uma central de informações sobre dados disponíveis referentes aos Museus Universitários brasileiros. Como exemplo, vale ressaltar sua contribuição na construção da pauta da reunião da Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), ocorrida em setembro de 2018, principalmente no que se refere às características, importância, demandas e potencialidades desses museus. O objetivo dessa interlocução foi o de promover o debate a respeito do fomento desses museus, com vistas a avançar da política proporcionada pelos editais específicos e pontuais para um fomento contínuo e planejado. Cabe ressaltar que a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, também, contribuiu com as discussões estruturantes do contraponto à proposta que previa a mudança de status do Ibram, que, por sua vez, deixaria de ser uma autarquia para se transformar em um setor completamente subordinado ao MinC, diminuindo seu escopo de atuação e comprometendo a Política Nacional de Museus, construída de forma participativa ao longo dos últimos anos. Nesse contexto, a RBCMU também assumiu o papel de multiplicador das vozes e visões dos profissionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Instituto Brasileiro de Museus preocupados com a recuperação do Museu Nacional e com a continuidade da Política Nacional de Museus. Foi um importante momento de manifestação propositiva para os profissionais que atuam na formação de coleções,

salvaguarda, comunicação e gestão das inúmeras coleções e museus existentes nas instituições de ensino superior em território brasileiro.

Em outubro de 2018, a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários foi publicamente reconhecida pela comunidade museológica, em plenária final, durante a realização do V Fórum de Museus Universitários, promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais. No referido Fórum foi organizado um grupo de trabalho de caráter colaborativo e representativo das cinco regiões do território brasileiro. Formado por profissionais, professores e alunos vinculados a diferentes universidades, esse grupo foi incumbido de iniciar o mapeamento detalhado dos Museus Universitários brasileiros, que resultou no levantamento de 365 instituições desse gênero, o que corresponde a cerca de 10% dos museus brasileiros. Esse número tende a crescer, pois esse levantamento ainda não é conclusivo, dada a complexidade da dinâmica desse trabalho e da própria definição do que seja um Museu Universitário, sua localização dentro dos complexos universitários e da característica mutante desses museus, que cotidianamente surgem, fundem-se e desaparecem, para reaparecerem transfigurados em outra formação e/ou núcleo museológico. Esse levantamento quantitativo é a base para a análise qualitativa dessa tipologia de museus e demonstra a relevância desse trabalho de caráter perene.

### Conclusão

O principal objetivo desse trabalho, sobretudo o da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, é o de atualizar dados, propor definições e indicar novos parâmetros aos Museus Universitários no Brasil. De forma geral, é possível afirmar que o foco central é de atuar na preservação e promoção do acervo universitário, dedicado ao ensino, pesquisa e extensão. Espera-se que tal objetivo possa estimular e alimentar possíveis políticas públicas para esse setor museal. De forma mais específica, objetiva-se com esse projeto a contribuição ao desenvolvimento do pensamento museológico focado na análise de processos desse conjunto patrimonial.

### Referências

ALPERS, Svetlana **A arte de descrever**: a arte holandesa no século XVII. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

CLERCQ, Steven W. G. De & LOURENÇO, Marta C. - A Globe is just another Tool: Understanding the Role of Objects in University Collections. In: **Study Series of ICOM**, 11, 2003, Belgique.

FUNK, Vicki A. Collections-based science in the 21st Century. **Journal of Systematics and Evolution**. May 2018, Volume 56, Issue 3, 175 – 193.

INOJOSA, R.M. **Redes de compromisso social** In: Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro: FGV, 33 (5), set/out 1999, p. 115 - 141.

MENESES, Ulpiano T. B. de. Arte e pesquisa na universidade. In: AIZENBERG, Elza Maria, coord. **Schenberg arte e ciência**, Schenberg, 3, São Paulo: ECA/IF/USP, 1997, p. 73-75.

SOLINGER, Janet W. (Edited by). **Museums and universities**: common continuing education museums and constituencies. The American Council no Education/Macmillan séries on higher education. 1990.